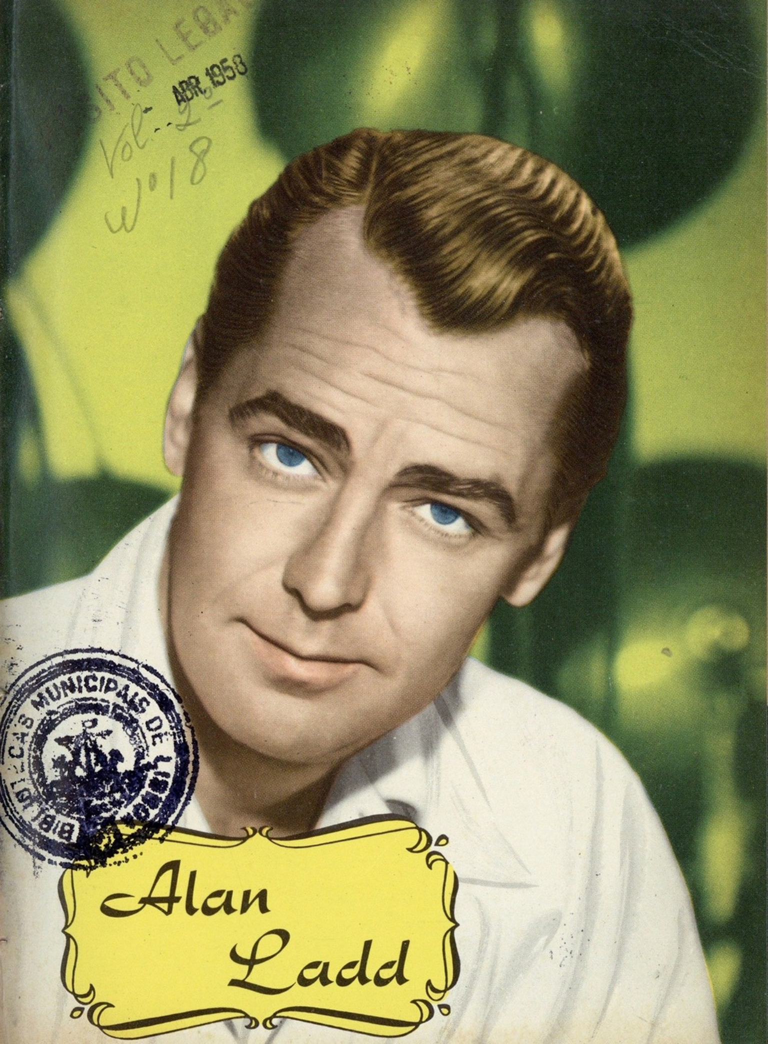

Alan
Ladd

ALBUM DOS ARTISTAS

(2.º Volume — Fasc. 18)

Edição de Aguiar & Dias, L.da — Todos os direitos reservados para Portugal, em conformidade com a lei, na apresentação, disposição e conjunto da obra. — Distribuidores e Depositários: Agência Portuguesa de Revistas — Rua Saraiva de Carvalho, 207 — Telefones: 668639/668684 — LISBOA (Portugal) — Composto e impresso nas oficinas Bertrand (Irmãos), L.da Travessa da Condessa do Rio, 7 — Lisboa

ALAN LADD

O «homem-duro» da América!



O cinema americano, entre dezenas de outras figuras hoje consagradas em todo o mundo, lançou a do «homem-duro», em que Alan Ladd triunfou plenamente

Não se trata de um homem sem sensibilidade ou sem educação, mas simplesmente de um homem dinâmico, forte, de traços duros, que pela sua presença desportiva pode ser, ao fim e ao cabo, um companheiro apreciável. A sua personalidade distingue-se pelas reacções rápidas, espontâneas, com que sabe enfrentar as situações mais difíceis.

No cinema americano, este homem-duro» tanto surge na figura de um «gangster» como na de um detective. Pouco importa que defenda o bem ou o mal, ou que esteja ao serviço desta ou daquela causa. O que realmente interessa é que o seu rosto seja de pedra, que diga apenas as palavras justas e precisas e que saiba distribuir murros



Antes de se popularizar como «astro de cinema», Alan Ladd atravessou muitas dificuldades, vendo-se obrigado a recorrer a variadas profissões, incluindo a de trabalhador braçal

certeiros a quantos adversários lhe apareçam pela frente. Junto das mulheres, o «homem-duro» acaba sempre por vencer todas as resistências, usando o mesmo rosto de pedra. Nunca se serve de palavras românticas, de gestos tímidos, nem de grandes rodeios. Procede como um homem seco, talvez brutal, expondo sem delongas inúteis os seus sentimentos e gostos, realista no amor como realista na vida.

Figura tìpicamente cinematográfica, é possível, no entanto, que o «homem--duro» corresponda à mentalidade de certos americanos, que não fugiram à influência de uma época de «gangsterismo» e a outra de «lei seca».

No cinema americano, o «homem-duro» não tem qualquer semelhança com os aventureiros que se encontram nos subúrbios de Saigão ou de Paris.

O «homem-duro» americano emprega o murro, mas nunca o punhal ou o veneno. E, de modo algum pode ser apontado como modelo de perversidade.

É curioso assinalar que, atrás das câmaras a grande maioria dos actores que conquistaram as esporas de ouro como «homens-duros», são afinal, pessoas simples e tranquilas, que outra coisa não almejam senão viver no lar e para o lar.

Alan Ladd — constitui o exemplo mais eloquente de que, de facto, assim é...

Trata-se de um prodigioso caso de adaptação e de um verdadeiro milagre produzido pela vontade de triunfar. Contudo, existem outras razões, inteiramente ligadas à formação de carácter e do temperamento do grande actor que é Alan Ladd.

Três mulheres influenciaram a sua vida, contribuindo para o transformar no que é: um homem bom e simpático na vida real e um «homem-duro» — o mais duro de quantos o cinema criou — em frente das câmaras.

★

Filho de pais americanos, Alan Ladd nasceu num país cheio de luz — a Tunísia — precisamente na cidade de Argel, centro de variadas raças, numa paisagem mediterrânea cheia de colorido, iluminada por um céu límpido.

A infância de Alan decorreu, felizmente, sob este céu favorável de um clima temperado.

Ao regressar com a sua família aos Estados Unidos, precisamente a Hollywood, Alan prosseguiu os seus estudos secundários com excelente aproveitamento num dos melhores colégios da já então capital do cinema.

Um acontecimento inesperado viria a marcar profundamente uma viragem na vida de Allan Ladd: a morte de seu pai.

Certo dia, ao voltar para casa, o pequeno Alan encontrou sua querida mãe banhada em lágrimas!

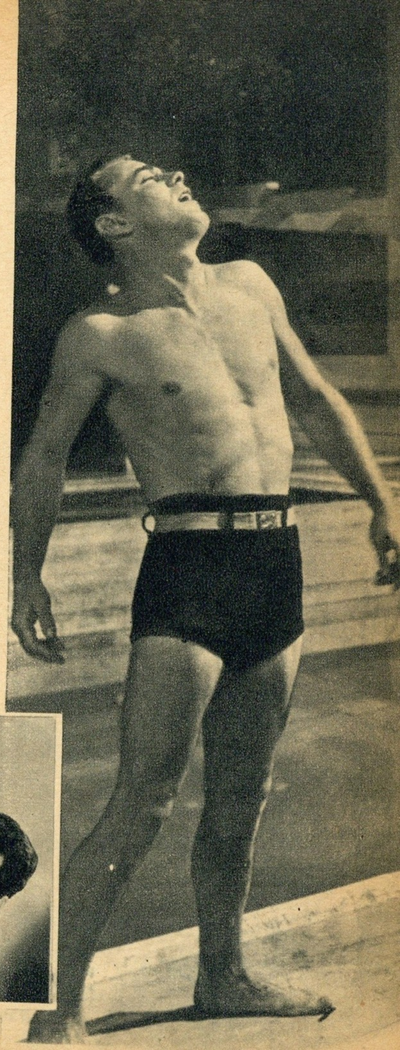
— Que sucedeu, mamã? Aconteceu alguma coisa ao papá? Responde-me... e não chores, porque senão acabarei também por chorar...

— Meu filho! O teu pai não está

À DIREITA: Campeão de natação dos jogos universitários americanos, Allan chegou a ser indicado para representar a América nos Jogos Olímpicos

EM BAIXO: Coube a Sue Carol — que mais tarde se tornaria a esposa do actor — a descoberta da personalidade de Alan Ladd como homem violento e destemido





muito bem. O médico crê que poderá salvá-lo, mas...

— Mamã! Não!

— Sim... Meu filho, temos de ser fortes... O teu pai lutou muito... Uma vez em Argel esteve muito doente...

— Diz-me a verdade, mamã... O papá vai morrer?

Ina, a corajosa e amantíssima mãe de Alan, não pôde responder-lhe... Abraçou-o com força, com muita força...

★

Aos sete anos Alan Ladd era órfão de pai. Corria o ano de 1920. O cinema mudo estava numa fase de grande desenvolvimento. Mary Pickford, Chaplin, Douglas Fairbanks e outros artistas frequentavam o café que Ina Ladd tinha montado graças às escassas economias legadas pelo marido.



A nunca esquecida Veronika Lake emparceirou com Alan Ladd no primeiro filme que viria a consagrar o tipo de «homem-duro» — «Beast of Berlim»

O jovem Ladd habituou-se a conhecer as grandes «estrelas» do cinema. Sua mãe tornou-se, até, uma das mais populares figuras de Hollywood, devido ao estabelecimento que servia, com impecável esmero, os clientes que ali acorriam.

Alan foi crescendo, mas os anos não lhe apagaram as qualidades de filho exemplar. Além de tudo, sentia verdadeira admiração por sua mãe, pela maneira como lutara para sustentar o estabelecimento e, ao mesmo tempo, dar-lhe uma educação esmerada.

Alan, como aluno da High School de Hollywood, teve como companheiro de estudos o futuro galã Tyrone Power, o qual viria a prestar provas idênticas às suas para actuar no cinema.

O temperamento desportivo e a força física puseram ambos em relevo durante os seus estudos. Com efeito, Alan e Tyrone Power pertenceram a diversas equipas desportivas do colégio, e até da cidade. Alan destacou-se na natação. Campeão do colégio, foi enviado pelos seus companheiros de classe ao campeonato anual de natação entre estudantes, que tinha lugar em Harward.

Alan realizou a magnífica proeza de estabelecer um novo recorde na modalidade dos 100 metros.

O seu nome conheceu pela primeira vez a letra de imprensa, em grandes títulos, nos jornais dos Estados Unidos.

Mais tarde, quando interrogado pelos jornalistas sobre qual fora o seu maior sonho juvenil, Alan respondeu:

— O ser seleccionado para a equipa americana que deveria participar nos Jogos Olímpicos.

Este sonho não chegou a transformar-se em realidade devido a uma intriga que não chegou sequer a ser esclarecida.

Entretanto, os êxitos desportivos não arrefeceram o entusiasmo pelos êxitos escolares. E Ina aumentou o amor e afeição pelo filho, ao mesmo tempo que Alan redobrava a sua devoção filial.

★

Contudo, os dissabores não tardariam a começar para Alan.

Era ainda muito jovem quando sua mãe morreu. Ficou só e sem recursos, porque não podia tomar a gerência do café.

Por outro lado, os seus estudos de Letras ofereciam poucas possibilidades de emprego. Os Estados Unidos estavam ainda sob os efeitos da grave crise de 1929.

Alan sofreu então um período de extrema depressão moral, que o deixou profundamente abatido.

Salvou-o a ajuda de um companheiro de estudos, John Smith, que tinha abraçado a carreira médica.

Smith, ao saber do estado em que o amigo se encontrava, resolveu visitá-lo. Alan vivia num humilde apartamento, sob um complexo de inferioridade que ameaçava a sua prometedora juventude.

— Sim, Alan, a perda dos teus pais não pode constituir uma barreira na tua vida. Antes, pelo contrário, deve ser um acicate para que não te rendas perante a adversidade. Não penses que deves tudo aos seus esforços e ao seu sacrifício. Tu podes continuar a obra que teus pais começaram. És jovem e possuis cultura e sensibilidade suficientes para te entregares à conquista do teu futuro com entusiasmo.

— Sim... Mas já não posso concluir o meu curso — a minha ambição máxima... Preciso de começar a trabalhar em qualquer emprego...

— Em qualquer emprego, não. Um homem com a tua formacão e o teu optimismo, cheio de juventude e de audácia, pode abrir caminho no jornalismo, abraçando uma profissão honrosa e estimulante... Creio até que é muito mais apropriada para os teus dotes do que a medicina.



A fama de Alan espalhou-se de tal forma por toda a América que o «homem-duro» teve de se acautelar com os assaltos das admiradoras. E passou a atender os pedidos de autógrafos por esta forma...



À ESQUERDA E EM BAIXO: Eis as duas vedetas, hoje já retiradas da vida artística, com quem Alan Ladd contracenou no seu filme «Cruel Mentira»: Ruth Hussey e Betty Field. Alan teve uma interpretação dramática e vigorosa no papel do homem nascido do nada e que tudo pertendia conseguir com o dinheiro, inclusive o amor da mulher que o desprezara

— Pensas tu assim...

— Penso eu e pensas tu... Anda, vem comigo... Vamos jantar juntos e falaremos de muitas outras coisas... Por exemplo: lembras-te daquela loira que estudava connosco e a quem chamavamos «Bombomzinho»?

★

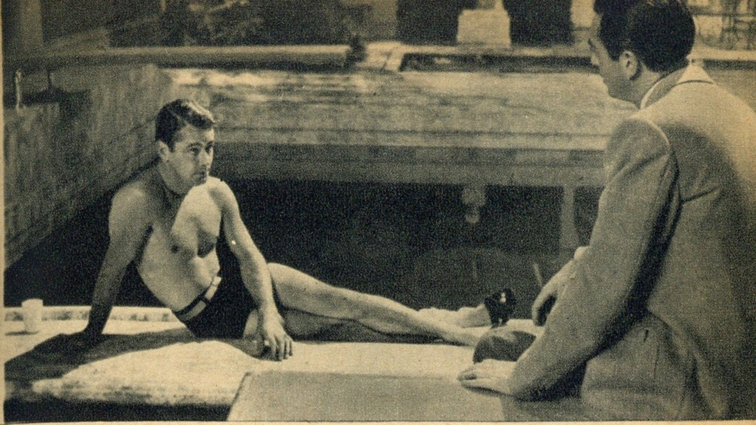
Foi assim que Alan trabalhou como jornalista durante certo tempo, dando à imprensa o concurso do seu temperamento enérgico, batalhador e dinâmico e a sua profunda cultura.

Alan foi um trabalhador incansável, sempre em busca de notícias novas, de reportagens palpitantes, chegando a alcançar certa celebridade. Homem pouco satisfeito consigo próprio, procurava sempre algo que pudesse contribuir para melhorar a sua situação. Nas horas livres, trabalhava como representante de vendas de uma empresa de refrigerantes, artigos domésticos, rebuçados, etc.

Além de tudo, frequentava um curso de arte dramática, que não tardaria a abrir-lhe caminho para a sua grande carreira.

Contudo, Alan continuava preso à recordação dos pais. Um





Em «Cruel Mentira» Alan exibiu no decorrer das cenas da piscina as suas qualidades como ex-campeão de natação. Ei-lo numa cena do filme ao lado do actor Mc Donald Carey

dia publicou um artigo em que punha em relevo a vontade e a inteligência da sua querida mãe.

A despeito da sua enorme vontade de vencer, Alan sentia a falta do amor materno ainda mais do que na adolescência. Daí a crise depressiva que sofria. Era como que uma criança perdida no mar da vida, uma criança perdida na dura batalha para ganhar a consideração e o respeito. A sua personalidade estava prestes a naufragar.

Salvou-o, pela segunda vez, o seu amigo John Smith que conseguiu vencer a crise que o atormentava, através de um tratamento psiquiátrico.

Alan pôde realizar assim uma chamada à sua consciência de homem. As suas magníficas possibilidades físicas ajudá-lo-íam a vencer essa crise passageira, que marcou o destino da sua vida, ao transformar um homem tímido num lutador.

Mas a vida nunca é fácil e, a despeito da sua indiscutível vontade de triunfar, outras coisas iriam influir na vida de Alan.

Durante os seus estudos no colégio, Alan fora campeão de natação. A equipa da High School de Hollywood alcançara uma fama merecidíssima nos Estados Unidos. Os produtores cinematográficos, homens práticos sempre em busca de novidades, precisavam de jovens desportistas para actuar como «astros» ou representar pequenos papéis, nos filmes em rodagem. Que coisa mais simples do que recorrer às equipas existentes em Hollywood?

Além do mais, os rapazes da High School tinham já certa prática de artistas. No seu colégio e em diversos palcos da cidade, haviam representado peças teatrais e espectáculos de «music-hall».

Um produtor chamou-os para se exibirem como equipa desportista e, especial-



A actriz inglesa Phillis Calvert, chamada a Hollywood para interpretar um papel de freira no filme «Suprema Derrota» com Alan Ladd, tornou-se uma das amigas predilectas do actor. Ei-los durante um intervalo de filmagens, estudando os seus papéis

mente, de natação, no filme «The Mikado», baseado num tema japonês.

Passado pouco tempo, Alan Ladd e Tyrone Power, encontraram-se. O segundo disse:

— Asseguraram-me que são vários os realizadores e caçadores de «estrelas» que insistem na necessidade de lançar novos artistas nos seus filmes.

— Crês nisso?

— Sim, absolutamente... Sou até da opinião de que esta pode ser a nossa oportunidade.

— Talvez tenhas razão... De facto, nós temos a vantagem de havermos causado boa impressão em «O Mikado».

— Disseste bem. Nós levámos para os estúdios algo de que o cinema precisava: naturalidade e juventude. Verás como no futuro os galãs não poderão já ser de outra maneira...

Levados por este entusiasmo, dirigiram-se ambos aos estúdios a pedir para serem submetidos a testes de experiência, mas foram rejeitados por carecer, segundo a opinião do realizador que examinou as provas, de dotes artísticos.

Pouco tempo depois, acentuou-se a falta de galãs jovens na capital do cinema. Um produtor interpelou o realizador dos seus filmes:

— Parece mentira que, tendo o senhor examinado tantos jovens, ainda não haja encontrado nenhum que nos sirva.

— Ainda não encontrei um verdadeiro actor. Os jovens de hoje não têm a classe dos de ontem. No meu tempo, qualquer estudante sentia ferver nas veias o sangue de actor.

— Talvez possamos descobrir algum daqueles rapazes que intervieram em «The Mikado». O senhor conhece alguém da High School? Daquela magnífica geração de campeões, claro está.

Graças a este diálogo, Tyrone Power e Alan Ladd penetraram na carreira cinematográfica.

★

Alan Ladd não conseguiu, porém, mais do que pequenos papéis em intervenções fugazes, quando não como figurante de curtas-metragens.

Uma mulher interviria na vida de Alan Ladd e na formação do seu temperamento artístico.

Decidido a lutar pela carreira de actor,





Em «Suprema Derrota», Alan teve também como parceira, a loira Jan Sterling no papel de mulher fatal. À esquerda, o realizador Lewis Allen ensina Alan a preparar-se para uma cena romântica. À direita, os dois artistas discutem violentamente noutra cena do mesmo filme





O primeiro filme colorido de Alan Ladd, intitulado «A Marca Rubra» focava um tema do Oeste — o género preferido pelo artista. Eis duas cenas do filme, em que intervinham Mona Freeman, Charles Bickford, Robert Keith e Joseph Calleia





Seguiu-se a «A Marca Rubra» outro filme colorido, também do mesmo género: «A Montanha Vermelha». A loira explosiva Lizabeth Scott desempenhava o papel de mulher inconquistável, mas, como todas as outras, acabava por cair nos braços de Alan...

Alan quis aperfeiçoar os seus conhecimentos de arte dramática. E estudou conscienciosa e afincadamente. Ingressou numa academia de arte de representar, onde teve a fortuna de encontrar uma excelente professora: Isabelle Gray.

Isabelle Gray era famosa por seus métodos educativos. Analisava com a ajuda de diversos testes, a capacidade dos alunos. Se lhes distinguia possibilidades, permitia-lhes continuar a sua carreira. Caso contrário, deixava de os ensinar, indicando-lhes outras ocupações.



O sorriso de Alan levava diàriamente aos estúdios milhares de cartas de admiradoras dos cinco continentes...

Além do mais, sabia distinguir o género mais adequado a cada estudante.

Isabelle Gray submeteu Alan Ladd a um estudo atento, que teve como consequência a revelação do carácter e dos complexos que tanto tinham contribuído para o seu desenvolvimento espiritual.

No caso de Alan, deu-se o contrário do que normalmente sucedia. O estudante não ficou muito convencido com a eficácia dos métodos da directora e, sem hesitar, observou-lhe:

— A verdade, senhora Gray, é que os seus métodos deixam muito a desejar...

— Alan: se não tem confiança nos meus métodos, recomendo-lhe que volte ao jornalismo.

— Bem...

— Não seja impaciente. O senhor tem estofo de grande actor. Mas preciso de estudar em que género poderá dar o máximo rendimento. Creio que o senhor não é tão galã como se julga a si mesmo.

— Já o receava. Volto para o jornalismo...

— Cale-se e ouça-me. Tenho a impressão de que o senhor é o homem ideal para interpretar papéis de «herói duro»...

— Impossível!

Como consequência desta conversa, Isabelle Gray orientou Alan para o estudo da interpretação de papéis de homem duro. As faculdades físicas de Alan harmonizavam-se plenamente com o conceito literário e filosófico do «homem duro» americano.

Orientado neste caminho, Alan aprendeu boxe, luta livre, manejo





EM CIMA E À DIREITA: Eis duas imagens que, por si só, bastariam para definir a génese da popularidade e da atracção que Alan Ladd exerce sobre o belo sexo. Por um lado, tal como Deborah Kerr e Corinne Calvet, as mulheres encontram junto da sua figura de homem afectuoso, a chama de amor que incendeia os seus corações. Por outro lado, acolhem-se à sua sombra protectora, contra os perigos que as ameaçam... Eis o que se pode deduzir destas fotografias de publicidade do filme «Tempestade no Oriente»!





Alan Ladd. Este nome sugere-nos todo um caudal de emoções, tiros, murros desenfreados e amores bravios, por entre aventuras macabras que se desenrolam ora no turbulento Oeste, ora nalgum recanto do Oriente, ora a bordo de um veleiro misterioso, em mares desconhecidos. O Alan Ladd das multidões não perde nunca a oportunidade de esmurrar qualquer inimigo. O seu nome significa, por si só, tiros, pistolas, cenas de facas e des angue. Por outro lado, o público ansioso de aventuras enervantes sabe que um filme de Alan lhe proporciona sempre as mais admiráveis sequências de pancadaria produzidas em cinema. Nos filmes de hoje, Ladd, o herói dos grandes momentos, intimida os inimigos, mais com o seu sorriso de homem sem medo, do que pròpriamente, com as balas... Mas não se furta ao perigo e aponta tão certeiramente o revólver como dá socos nos antagonistas. As imagens à esquerda reproduzem duas cenas dos filmes «Shane» e «Suprema Ambição», duas coroas de glória do actor que se podia classificar como «o recordista dos murros desferidos no cinema». Apesar dos seus 44 anos (Alan nasceu a 3 de Setembro de 1913) as plateias vibram intensamente com todos os seus novos filmes, admirando com entusiasmo a violência e a brutalidade, a energia e o destemor que põe em todas as suas interpretações.

de armas e manteve a sua forma física com ginástica adequada e exercícios constantes, o que lhe permitiu renovar as suas proezas de campeão. Várias entidades desportivas chegaram a oferecer-lhe contratos mais vantajosos do que poderia obter do cinema.

Alan, porém, era um homem de vontade inquebrantável e por preço algum renunciaria ao seu desejo de triunfar na arte das imagens.

Estavam longe os anos em que o seu principal sonho tinha sido participar nos Jogos Olímpicos. Agora, Alan prometia a si mesmo ir aos Jogos Olímpicos como espectador e turista, quando conquistasse a celebridade.

Alan tinha optimismo para dar e vender. Para pagar os seus estudos, aceitava toda a sorte de trabalhos, por mais pequenos que fossem, desde que tivessem qualquer relação com o cinema. Além de aceitar papéis de «extra» exercia diversas funções como trabalhador braçal, porque isso lhe permitia observar a conduta dos «grandes» do cinema.

À noite, actuava como actor de teatro e de rádio, em programas publicitários.

Graças à rádio, Alan encontrou outra mulher — a quem ficaria a dever o seu triunfo definitivo. Essa mulher chamava-se Sue Carol e, além de sua empresária e de sua professora, seria também sua esposa...

O famoso trio de «Shane»: Ladd, Jean Arthur e Van Heflin









Quem era Sue Carol? Quem era essa mulher audaz, inteligente, atrevida, que se cruzava na vida de Alan Ladd?

Dir-se-ia ser uma feiticeira pela maneira como, em frente de Alan, lhe profetizou um futuro maravilhoso.

Nenhuma outra mulher tivera antes tanta fé em Alan. Nenhuma compreendera com tanta clareza a vida do jovem artista.

Sue Carrol tinha sido actriz de teatro e actriz de cinema. Tinha interpretado numerosos filmes e contraído matrimónio com outro actor, de quem tivera uma filha: Lee Sue.

Sue Carrol nascera em 1908, isto é, cinco anos antes de Alan Ladd. Possuia uma excelente experiência do palco e dos pormenores comerciais e publicitários do cinema. Quando conheceu Alan Ladd, exercia as funções de directora de uma agência de colocação de artistas. Conhecia numerosos produtores e realizadores de filmes, manejando com perfeição todas as molas e fios secretos de Hollywood. Ninguém poderia lançar um artista como ela.

Alan Ladd confiava no seu próprio valor e não tinha recorrido nunca aos serviços e artimanhas de um agente artístico. Sue Carrol descobriu-o através de uma emissão radiofónica e resolveu logo visitá-lo, oferecendo-lhe os seus serviços.

Eis três imagens de Shane», o filme que ficou assinalado nas histórias do cinema como um marco na evolução dos filmes do Oeste americano, para o que muito contribuiu a notável interpretação de Alan Ladd

Ele recebeu-a com certo cepticismo.

Apesar da sua timidez natural, das suas maneiras cândidas, Alan já lutara bastante pela vida e, no fundo, era um homem circunspecto. Aquela mulher venceu todas as suas resistências, conseguindo convencê-lo com o seu dinamismo, com a sua simpatia, com a fé que afirmava possuir no futuro de Allan.

Sue Carol era como que o anjo providencial que indicava a Alan o caminho do triunfo. Mas o que realmente acabou por vencer o jovem actor foi a visão exacta que Sue Carol possuía da sua personalidade e que coincidia com a apreciação anteriormente formulada pelo médico John Smith e pela professora Isabelle Grey. Com efeito, Sue declarou:

— Preciso de um homem duro. Um verdadeiro homem duro. Os produtores andam a procurar desesperadamente o protagonista ideal do novo filme «Rulers of the Sea». O senhor é o homem que eles procuram — disse Sue, com energia.

— A senhora crê que eu tenho realmente cara de assassino? — perguntou Alan irònicamente.

— A sua cara é a de um rapazinho mimalho — volveu Sue, sorridente.

— A minha vida tem sido dura até agora, apesar de tudo o que possa julgar.

— Mas não lhe faltou certamente carinho e protecção.

— Até certo ponto.

— O certo é que o senhor é, por assim dizer, uma criança, o tipo de homem que precisa de protecção. Não me refiro a uma protecção comercial, mas a uma protecção maternal — e com um sorriso benévolo, acrescentou: — Não se aborreça comigo.

— Não a compreendo. Que sou eu? Uma criança ou um homem duro?

— Claro. Todas as pessoas precisam de amparo moral. Às pessoas realmente duras, falta doçura. Às pessoas ternas, falta emoções fortes, espírito combativo, acção.

— A mim, o que me falta?

— O senhor é um homem terno. Por isso, poderá

A figura de «Shane», rica de humanidade, não pode ser confundida com a de um «homem-duro», na concepção generalizada pelo cinema. Na medida em que Alan Ladd encarnou toda a sede de luta dos pioneiros do Oeste, «Shane» adquiriu a autenticidade de um fresco histórico, que deve ser considerado dentro de um quadro àparte dos vulgares filmes de vaqueiros



Um casal exemplar com 4 filhos encantadores

Alan Ladd e Sue Carol divertem-se com as habilidades da graciosa cadelinha «Fritzie». Junto à piscina da sua sumptuosa vivenda,



Alan Ladd casou-se com Sue Carol a 15 de Março de 1942 e, até hoje, nunca se levantou qualquer sombra de ruptura entre ambos, excepto por um motivo fútil no próprio dia do casamento da sua filha Carol Lee. Não chegou a nascer qualquer ideia de divórcio, porque já tinham a idade e a experiência em comum, suficientes para vencer. E quando se reconciliaram, o amor que sempre os unira como que redobrou de intensidade. Não com a mesma paixão de quando estavam na lua-de-mel, mas com a compreensão, a devoção e a ternura que se reflectiam nos seus encantadores quatro filhos: Carol Lee (filha do primeiro casamento de Sue), Alana, «Laddie» (Alan Ladd Jr.) e David.

Na oca e frívola Hollywood, o casal aponta um exemplo de vida a todos os que levam a existência num vazio apenas preenchido pelos escândalos e pelas exibições em público.

Alana — que hoje conta quinze anos de idade — aparece-nos aqui com o seu sorriso de anjo no colo de seu pai. Repare-se no penteado da garota, à Shirley Temple.



Eis outra vez a cadelinha Fritzie, a «mascote» que vive no lar da família Ladd com um conforto que muitas crianças pobres invejariam. Da esquerda para a direita, vêem-se David, Alan Ladd, Sue Carol e Alana. Quando o fotógrafo disparou esta imagem, Carol estava doente.



Carol Lee e seu pai Alan Ladd têm a seu cargo a direcção dos negócios da companhia «Jaguar Productions», agregada à Warner Bros., mas constituída inteiramente com os capitais do famoso actor. Os produtores já assediaram Carol com várias propostas para ser actriz, mas ela prefere trabalhar com o pai, conforme a imagem demonstra.



interpretar no cinema papéis de homem duro, porque assim conseguirá o verdadeiro equilíbrio da sua vida.

Sue Carol tinha razão ao interpretar deste modo singular a lei das compensações. Nietzche, que se pode considerar como o apóstolo da violência, teria sido um poeta romântico e idílico se tivesse sido um homem forte na vida. Toda a sua filosofia da potência e da energia agressiva, derivou exactamente da sua natureza doentia. A lei das compensações tem inúmeros exemplos entre os homens célebres, especialmente entre os artistas. E, como não podia deixar de ser, os ídolos do cinema não escapam a esta lei inexorável da vida.



O primeiro filme que Alan Ladd interpretou como protagonista, «Bast of Berlim», com Verónica Lake, alcançou um ê x i t o fenomenal, cumprindo-se assim plenamente as predições de Sue Carol.

O verdadeiro «homem-duro» do cinema tinha nascido. Alan Ladd tornou-se o homem do dia. As suas fotografias deram ràpidamente a volta ao mundo, enquanto as revistas formulavam toda a espécie de prognósticos favoráveis sobre o futuro do excelente artista. Várias companhias ofereceram-lhe generosos contratos, disputando-o a peso de ouro. O público tinha-o eleito já como o seu galã preferido.

★

Mil boatos de «flirts» apareceram desde logo a envolver o nome de Alan Ladd, batendo todos os recordes da crónica mundana do cinema. A sua simpática figura passou a ser um polo de atracção das principais artistas e das rainhas de beleza dos Estados Unidos. Todas queriam conquistar a sua amizade e aproveitavam com delicioso prazer qualquer oportunidade para tirar fotografias junto do famoso «homem duro». Contudo, Alan permanecia invulnerável às setas de Cupido e às tentações da carne.

Ninguém o via em reuniões mundanas, «surprise partys» ou chás dançantes. Não frequentava cabarés nem ia a espectáculos nocturnos.

Depressa correu por Hollywood a fama de que Alan Ladd era o artista mais austero do cinema. Descansava bastante;

Virgínia Mayo e Alan Ladd formaram par em «A Amante de Aço», e recentemente a Warner voltou a reuni-los noutro filme do Oeste: «Nascimento de um Império».



Depois de ter sido sucessivamente «gangster», soldado, médico, marinheiro, detective e cadete de West Point, Alan Ladd veio a desempenhar o papel de aviador em «Suprema Decisão», com June Allyson. Neste filme, Alan personificou um herói da guerra da Coreia: o coronel McCornell.



a sua alimentação era quase vegetariana; não bebia uísque nem cerveja. A sua principal bebida era a soda.

Chamaram-lhe misantropo, sem razão alguma, porque Alan conservava sempre o seu bom humor e era para todos os companheiros o melhor dos amigos, sempre disposto a fazer um favor ou a sustentar uma conversa amena e divertida.

A única maneira que restava às «atraentes caçadoras de artistas» de surpreendê-lo em frente das objectivas era frequentando os clubes desportivos, as piscinas de Hollywood ou de Los Angeles, e o «Palm Beach» de San Francisco. Alan continuava adorando a vida desportiva, especialmente a natação.

Contudo, o seu temperamento enérgico, audaz e decidido, que constrastava com a sua aparência terna, fazia-lhe sentir a falta de uma companheira, de uma esposa.

O cinema tinha conseguido equilibrar-lhe a vida, ao confiar-lhe papéis de homem duro. Mas sòmente o amor e a vida conjugal poderiam abrir-lhe as portas da felicidade.



Alan precisava de uma mulher que possuisse um temperamento oposto ao seu, capaz de modificar o seu aspecto de «menino terno», e a quem pudesse amar tanto como amava sua mãe.

Sue Carol, foi a mulher escolhida por Alan Ladd. Embora cinco anos mais velha, Sue era uma mulher de aspecto voluntarioso, decidido. Tudo o que Alan tinha de artista, Sue tinha-o de «mulher de negócios». Por isso abandonara a carreira cinematográfica, ao compreender que o seu lugar em Hollywood era fora dos estúdios.

Sue como que tinha sido feita para lutar contra os produtores. A sua visão para distinguir as possibilidades comerciais de um artista ou de uma história, era reconhecida por todos. Daí o lugar que ocupava como uma das primeiras agentes comerciais de Hollywood.

Alan não chegou a fazer-lhe uma declaração de amor. Havia chegado à conclusão de que ambos tinham nascido um para o outro. Mas a ideia de declarar que estava intensamente apaixonado parecia-lhe intensamente ridícula.

O cinemascope veio dar sangue novo ao cinema. Alan Ladd aplaudiu o novo sistema e escolheu-o para o seu filme «A última ordem», ao lado de Marisa Pavan, a irmã de Pier Angeli.



Por outro lado, nem ele era um imberbe nem ela uma adolescente.

Sue não era tão pouco uma rapariga solteira que espera encontrar o seu primeiro amor, ou o grande amor da sua vida. Pelo contrário, era viúva e mãe de uma encantadora menina...

O caminho para o casamento parecia difícil...

★

Certo dia, Sue regressou dos estúdios com uma renovação do contrato verdadeiramente formidável. Alan, ao acabar a leitura das condições, quase não podia acreditar!

— É fantástico, Sue! É fantástico.

Como conseguira Sue arrancar ao produtor o pagamento de uma soma tão elevada? O espanto de Alan não tinha limites.

— Fantástico, não! — emendou ela. — A pura verdade! Dinheiro em notas do Banco da América.

— Quase não compreendo como pudeste convencê-los.

— Mas, foi muito simples! Provei-lhes que eras o melhor «homem duro» da América.

— Palavra que é a tua opinião?

— Julgas que o diria com tanto entusiasmo se não fosse?

— É o teu trabalho, Sue...

— Está bem, é o meu trabalho, Alan. Mas, para defender um homem como o melhor actor no seu género, para demonstrar aos produtores que a América não tem melhor «homem duro», nem



Quando Alan olha assim para os seus inimigos, com a mão apoiada sobre o revólver, os espectadores já sabem que a luta vai começar...



Dois gigantes dos filmes de acção apareceram juntos em «O inferno de S. Francisco». Observe-se a maneira elegante, mas vigorosa, com que Alan Ladd desafia Edward G. Robinson.

actor com as tuas qualidades artísticas, precisei de ter fé em ti, na tua personalidade única. Precisei de crer que isso é verdade. Precisei de estar convencida de que continuarás a perfeiçoar-te e a melhorar cada vez mais. Precisei de te estudar a fundo e de comprender o mais íntimo das tuas reacções e sentimentos, Alan.

Alan, que não tinha querido interromper o ardoroso discurso da sua bela representante e que sabia a verdadeira medida dos seus méritos artísticos e pessoais, começou a sorrir e disse:

— Disseste sentimentos?

— Sim, Alan... Os teus sentimentos... Bons, nobres, afectuosos, até para mim... Julgas que não lhes correspondo com o mesmo carinho?

Alan fixou novamente a profundidade daqueles belos olhos que o fitavam e finalmente murmurou:

— Diz-me, Sue... Gostarias que nos mantivessemos felizes como hoje somos e com um carinho superado até ao infinito durante o resto das nossas vidas?

— Oh, Alan, como sou feliz!

E um forte abraço uniu o par feliz, que começou assim toda uma vida de felicidade.

★

Alan Ladd pôs no casamento toda a sua sentimentalidade, toda a sua bondade



À ESQUERDA E EM BAIXO: «Inferno de S. Francisco» tinha em abundância os dois «leit-motivs» dos filmes de Alan Ladd: violência contra os homens e desprezo pelas mulheres.

afectuosa. Por seu lado, Sue aguçou a dureza combativa, a inteligência que conhecia o caminho do triunfo, com os seus perigos e tentações, com as habilidades necessárias para aproveitar os êxitos.

Desta forma, o casamento não podia ser mais perfeito. Não se tratava de um desses casamentos artísticos em que os êxitos e triunfos ganhos por cada um dos cônjuges, destroiem pouco a pouco a harmonia necessária, fazendo sucumbir as raízes do matrimónio.

No caso de Alan Ladd e Sue Carol, ambos completavam-se. Tinham uma visão exacta do seu futuro e, irmanados no mesmo ideal, lutavam pelos mesmos objectivos.

Em Sue Carol, Alan encontrou o acicate que impulsionou a sua carreira até à consagração definitiva. O terno romance de amor que avassalou os seus corações exerceu uma influência benéfica e decisiva entre ambos.

Pouco tempo depois, Sue abandonou a sua agência de representações de artistas e passou a ser secretária de Alan, ocupando-se dos seus contratos, escolhendo os seus papéis em novos filmes, procurando outros produtores, numa palavra, realizando todo o esforço comercial do artista.

Um dia, Alan regressou do estúdio algo pensativo. Sue notou-o imediatamente e interpelou-o em seguida:



— Que se passa, Alan?

— Nada!

— Impossível! Passa-se alguma coisa. Poderás iludir os outros, mas a mim não... Trata-se de alguma mulher?

— Já sabes que para mim só existes tu.

— Já sei, sim, mas... Fala... Explica-te...

— Está bem. Vou dizer-te a verdade. Hoje ouvi que há certos homens duros que sòmente usam calças nos estúdios... porque em casa quem as usa é a mulher.

— E que dizes tu?

— Que estão muito enganados. É ao contrário. Ao estúdio, é a mulher que vai de calças!



Rossana Podestá, a bela italiana que personificou «Helena de Tróia», tornou-se uma companheira afectuosa do actor durante as filmagens de «Santiago».

quebras. Amava e era amada por Alan — e isso bastava para lhe dar a sensação de segurança que sòmente conhecem os amantes perfeitos, os casais felizes e duradoiros.

Alan correspondia às provas de amor e carinho de sua esposa com um amor profundo. Enquanto tratava dos negócios e da publicidade relacionada com a sua vida artística, ele ocupava-se com atenção e esmero das coisas do lar. Pouco tempo depois, comprou uma fazenda, que desde logo passou a ser considerada bem comum.

Entretanto, Alan ensaiava todos os seus papéis sob a vigilância de Sue. O homem duro da América, confiante no sentido crítico e artístico de sua esposa prosseguia assim no aprefeiçoamento constante das suas faculdades histriónicas.

Na intimidade, Alan chamava Honey a sua esposa (Honey significa **mel**) enquanto Sue o tratava por Laddie, diminuitivo de Ladd.

— Tens razão, Alan! Dá-me um beijo, querido!

★

Milhares de cartas chegavam diàriamente ao estúdio, com os ardentes testemunhos das admiradoras de Alan.

Sue Carol, não se mostrando ciumenta, contratou três secretárias a fim de responderem a todas as mensagens de simpatia e pedidos de autógrafos e fotografias que recebe seu esposo. Mas nunca experimentou ciumes, não obstante a avalanche de cartas de admiração recebidas de milhares de admiradoras. A serenidade e o espírito de decisão, insuflavam-lhe um estado de ânimo que não conhecia

★

Alan repartia os seus ócios entre o lar e o campo, vivendo assim outro dos seus paradoxos. A sua tranquila vida íntima, absolutamente oposta à dinâmica e agitada que representava no cinema, suscitava a admiração dos seus amigos verdadeiros. Ao contrário do que os espectadores pensavam, Alan não escolhia os seus companheiros entre os detectives ou os gangsters, ou entre os artistas de cinema, mas sim entre os fazendeiros simples e a gente humilde do famoso Oeste americano — um Oeste diferente do que o cinema popularizou, e que em nada

se parece com o das paisagens rudes e da vida violenta dos «cow-boys».

Alan possui uma granja situada perto de Hollywood. Uma granja rodeada de todos os requisitos modernos, possuidora de maquinaria agrícola e equipada para a criação de aves de forma a obter um rendimento amplo e eficaz. A par de tudo isto, Alan mandou construir o seu próprio domicílio, deixando em Hollywood apenas o escritório dirigido por sua esposa.

Quando os seus filmes não lhe exigiam a deslocação ao estrangeiro, ou para muito longe da Califórnia, Alan ocupava-se da sua granja com todo o carinho, dedicando-lhe os seus principais esforços.

A granja viu assim aumentadas as suas instalações de avicultura, que ficaram com capacidade para cinco mil galinhas, segundo os processos mais modernos. Alan tornou-se um dos principais fornecedores de aves das cantinas dos Estúdios cinematográficos. No entanto, os seus processos comerciais distinguiam-se pela simplicidade e pela honestidade. Por outro lado, Alan revelou ser um excelente administrador, eliminando todos os desperdícios.

Em 1953, Alan Ladd, graças aos seus rendimentos simultâneamente como artista e como proprietário rústico, ficou classificado num inquérito como um homem um dos homens mais ricos da Califórnia.

No entanto, Alan mantinha os seus hábitos simples; levantava-se cedo e deitava-se cedo. Considerava como um pecado, um delito de lesa humanidade, levantar-se às dez da manhã.

E, logo que acordava, despachava-se depressa para ir dirigir o trabalho dos seus empregados, para acudir onde quer que surgisse um problema.

Era com carinho que verificava diàriamente a saúde das suas aves de acordo com o veterinário da localidade, contratado quase exclusivamente para a granja Ladd-Sue.

★

Hoje, Alan Ladd continua a dirigir a sua granja com legítimo orgulho. Ocupa-se do transporte de produtos da granja para Hollywood, da embalagem prévia,

Eis uma das palpitantes cenas que precedem em «Santiago» o ataque final contra o forte espanhol. Depois, Caleb (Alan Ladd) casará com Dona Isabel... (Rossana Podestá).





Para filmar «A lenda da estátua nua», com Sofia Loren, Alan veio à Europa, e durante largo tempo permaneceu na Grécia, cujos tesouros da antiguidade não conseguiram apagar-lhe da memória a saudade da família distante.

cujas operações se assemelham às de uma fábrica.

O consagrado actor declara que, apesar da sua idade já respeitável, não tem escrúpulos em ajudar a esposa nas coisas do lar, substituindo-a amiúde nos trabalhos caseiros.

Alan apoia-se no facto de que se trata de um costume enraizado entre os americanos, tanto assim que, desde o Presidente Eisenhower até ao mais humilde electricista, cada um, em sua casa, é um pouco electricista, um pouco carpinteiro...

Para vincar melhor as suas ideias a este respeito, Alan declara ainda que ajuda perfeitamente a esposa nos próprios trabalhos culinários...

Quanto a alimentação, Alan comporta-se como um homem com medo de comer: escolhe tudo minuciosamente e acaba por comer pouco: no entanto, exige da esposa que o acompanhe em todas as refeições, coisa rara nos Estados Unidos, onde a vida de intensa actividade da maioria das pessoas é muito pouco propícia para a reunião de uma família à hora das refeições.

Pela manhã, Alan toma simplesmente uma taça de café. O seu almoço é regular, mas o jantar, muitas vezes, compõe-se simplesmente de um bife com batatas.

★

O negócio da produção de filmes levou muitos anos a interessar Alan. Mas agora o famoso «homem duro» enfileira entre os poucos produtores independentes, com

a sua companhia, a Jaguar Productions Corporation.

Neste novo campo da sua actividade, Alan tem assegurado antecipadamente o êxito, porquanto o cinema continua a brilhar no firmamento cinematográfico do mundo inteiro.

Mas, a despeito de ser um inteligente homem de negócios, Alan não esquece o sentido poético da vida. A sua alma, indiferente à organização matemática do horário das suas diversas ocupações, vive ainda os sonhos de uma juventude ardente e entusiasta.

Por vezes, nos entardeceres aveludados do Oeste Americano, Alan, encostado no tronco de uma árvore da sua granja, diante das paisagens impressionantes da Califórnia, entoa uma canção nostálgica e sonhadora.

Cantar — eis a sua paixão actual, segundo revelou em recentes declarações à Imprensa. Alan aspira mesmo a desempenhar um filme musical, mas os produtores, até agora, ainda não resolveram satisfazer os seus desejos líricos. Segundo eles, um «homem duro» não pode sonhar. Tal como Chaplin, a melhor qualidade de Alan Ladd consiste em que o tempo passa sobre ele sem deixar o mais leve sinal.

Tudo indica que Alan chegará ao fim da sua carreira artística representando aquilo que realmente é: um homem romântico, apaixonado pela beleza e pelo

Tão pouco a explosiva Sofia, com a sua beleza meridional, levou o fogoso Alan a interessar-se pelo nosso continente...





À ESQUERDA E EM BAIXO: De regresso à América, Alan voltou a envergar a blusa esgoleirada dos ganadeiros texanos. Ei-lo com o lenço no pescoço e o clássico chapéu de abas voltadas conduzindo o gado ao seu destino, no filme «Nascimento de um Império».

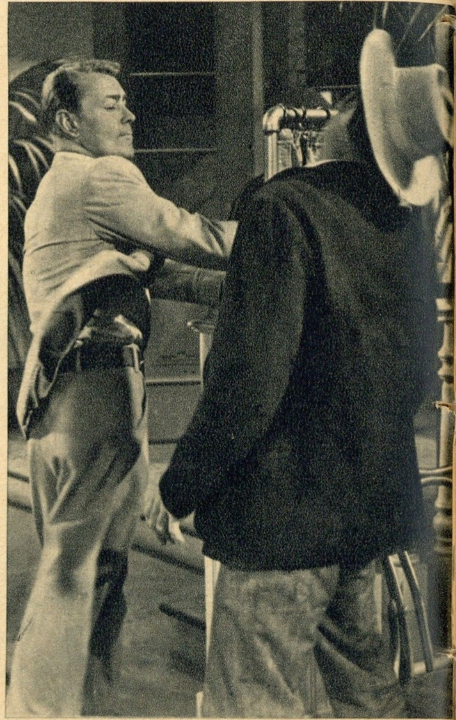
lar. O turbulento Alan Ladd do cinema é, na intimidade, um pacífico e sonhador pai de família.

Alan reune-se frequentemente com os seus companheiros de campo, os clássicos e tradicionais vaqueiros, e canta as suas baladas do Far-West, escritas e compostas musicalmente por ele próprio. Os amigos consideram-no um autêntico trovador moderno.

O facto de Alan continûar a portar-se como um marido perfeito não quere dizer que, ùltimamente, os mexeriqueiros não tenham feito circular rumores de que a tão propagada felicidade do casal estava em crise.

Estes rumores começaram a surgir quando do casamento da belíssima Carol Lee, a filha do primeiro casamento de Sue, com o jovem actor Dick Anderson.

A cerimónia teve lugar durante a noite, no jardim da magnífica mansão de Alan em Holny Hills. O «homem duro» não se poupou a despesas para que a boda ficasse assinalada como uma das mais faustosas celebradas pela filha de um astro de cinema. Mandou construir um altar no jardim. Este foi coberto por um toldo transparente, através do qual se distinguia a abóbada celeste iluminada por cintilantes estrelas. O altar, adornado por milhares de brancas gardénias, estava sob o foco de potentes holofotes, dando à cerimónia uma atmosfera irreal. A assistência, a mais seleccionada de Hollywood, era composta por mais de quinhentas estrelas, astros e magnates de cinema.





Novamente ao lado de Virgínia Mayo, Alan Ladd personifica um homem atrevido e sonhador que se entrega a um ideal numa terra de homens sem lei.

O cortejo nupcial, desde a magnífica mansão de Ladd até ao altar, passava sobre uma ponte construída sobre a piscina, inteiramente forrada com setim branco.

Abria o cortejo um deslumbrante grupo de damas de honor, constituído pelas mais belas amigas da noiva, todas vestidas de branco e abraçando grandes ramos de flores brancas.

Depois das damas de honor, vinha a irmã da noiva Alana Ladd, acompanhada por Bob Anderson, irmão do noivo. A seguir, o pequeno David Ladd, então com sete anos de idade, vestido de casaca negra, transportando os anéis sobre uma almofada de setim branco; depois ainda, Bonne Carstenson, de cinco anos, que espalhava flores à frente dos noivos e de seus pais.

A alegria e a satisfação reflectiam-se no rosto de Alan Ladd, que conduzia pelo braço, mais orgulhoso do que nunca, a belíssima noiva, convertida numa vaporosa visão de tules e brocados.

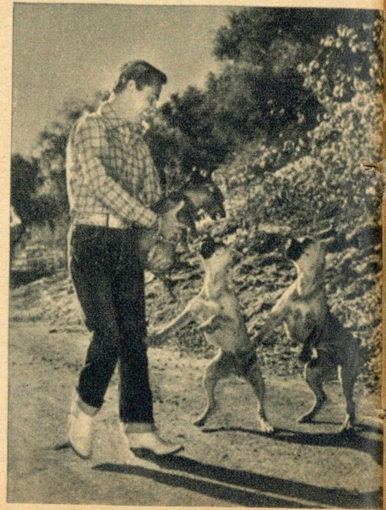
Quando, momentos depois, Carol respondeu o clássico «sim» perante o altar, os olhos de Alan e Sue humedeceram-se de lágrimas.

Findo o ritual do casamento, o belo jardim transformou-se, como que por artes mágicas, num grande restaurante

Trabalhador infatigável e alegre brincalhão...







Desde carpinteiro, até rachador de lenha, Alan Ladd é um homem infatigável. Ele gosta de trabalhar, o que lhe permite manter-se em excelente forma física. Mas, paralelamente ao gosto pelo trabalho, Alan Ladd encontra em tudo motivo para brincar. Um dos seus prazeres favoritos consiste em pôr os seus «boxeurs» à bulha, reconstituindo as cenas de desafio dos seus próprios filmes...

nocturno ao ar livre, com excelentes pistas de dança ao som da mais completa orquestra dos estúdios.

A certa altura da festa, Alan, homem avesso a todas as etiquetas cansou-se do «smoking» que trazia vestido e, sem consultar a esposa, resolveu ir mudar de indumentária. Quando voltou, o seu aspecto era novamente fresco e sorridente.

Sue Carol não gostou do procedimento de Alan ao misturar-se entre os convidados com um fato de passeio, enquanto todos os homens presentes envergavam fato de cerimónia.

Com a sinceridade de sempre, Sue recriminou ao marido a atitude que tomara. Mas Alan não aceitou a ceusura, voltando para junto dos convidados e divertindo-se com a bela e engraçada June Allyson.

No dia seguinte, Alan pôs em marcha o seu automóvel e abalou sòzinho com destino ao Clube de Golf do Rancho Santa Fé, a cem milhas de sua casa.

Por seu lado, Sue Carol partiu para Las Vegas acampanhada de vários parentes, uma amiga e sua filha Alana.

Pela primeira vez, na história de um casal feliz, que vivera durante catorze anos em perfeita paz conjugal, lavantara-se a sombra de uma ruptura.

Quando no domingo seguinte, Sue e Alana regressaram a casa, Alan ainda não tinha voltado. Mãe e filha decidiram então partir para o Rancho Santa Fé, onde encontraram Alan enfermo, contagiado pela gripe que já atacara Alana antes do casamento.

Ao ver seu marido retido no leito, Sue alugou ràpidamente uma casa e dispôs-se a cuidar do marido.

O casal decidiu, dias depois, mandar Alana regressar a Hollywood, para, deixando-os de novo sós, poderem cimentar a felicidade de um lar ameaçado por uma pueril desavença.

Ao regressar a Hollywood, Sue declarou:

— Podemos assegurar que jamais nos separaremos. É impossível qualquer rompimento entre dois esposos que gozaram a maior felicidade durante catorze anos...

Actualmente, enquanto Alan trabalha nos estúdios, não passa um dia sem que, à hora do almoço, Sue o espere no camarim, para compartilhar a comida preparada pelas suas próprias mãos.

Eis como — metendo-se na cozinha — Sue conserva viva a chama do amor de Alan. Exactamente o sistema usado por milhões de esposas em todo o mundo. Algo prosaico, mas estreitamente ligado à realidade. E quem sabe mesmo se o segredo da felicidade do lar mais feliz de Hollywood.

A vida íntegra e austera de Alan prossegue assim na paz ambicionada.

O terno e doce Alan que, como uma criança, brinca em casa aos polícias e ladrões, que imagina em seus sonhos histórias truculentas e acorda por vezes banhado em suores, interpreta no cinema o papel terrível e feroz de um homem duro, que não assusta os seus dois filhos — David e Alana — educados dentro das tradições do Far-West... Recentemente, Alan comprou-lhes um rancho vizinho do seu, como presente de aniversário.

Pai e esposo exemplar, uma intensa vontade de trabalhar, um afã de perfeição, uma adoração sem limites por sua esposa, definem Alan Ladd. No mundo agitado do cinema, Alan mantem, com a firmeza de uma rocha, a sua fé na vida.

FIM

No próximo número:
SUSAN HAYWARD



A AGÊNCIA PORTUGUESA DE REVISTAS

orgulha-se de apresentar a mais acessível colecção de livros de amor, com capas envernizadas e a cores

CADA VOLUME
COM CERCA DE
200 PAGINAS

5$00

Compre hoje mesmo
no seu fornecedor habitual



COLECÇÃO VÉNUS

UMA NOVA COLECÇAO ROMÂNTICA COMO NUNCA SE FEZ EM PORTUGAL!

Mais um clamoroso êxito da

AGÊNCIA PORTUGUESA DE REVISTAS

N. 18

PREÇO **2$00**

